

Luiz Gama - Carta ao comendador José Vergueiro

O Ipiranga | 21 de fevereiro de 1869

A melhor forma de governo é a que ensina aos homens a governarem-se.

SCHILLER

Não há circunstância em que se possa justificar a escravidão.

CONS. BASTOS

A organização de uma sociedade democrática, na importante cidade de Limeira, e a escolha feita de pessoa tão notável, como v. s. [Vossa Senhoria], para seu presidente é fato duplamente memorável, do que devem glorificar-se os verdadeiros patriotas.

Eu, por meu turno, se bem que o mais obscuro dentre todos, venho, de minha parte, render solenemente um preito de homenagem, saudando com transporte os novos Trasíbulos, no sincero aperto de mão, que a v. s. [Vossa Senhoria] envio.

No magnífico estandarte, hasteado com denodo por v. s. [Vossa Senhoria] e seus arrojados conterrâneos, sobre as verdes colinas dessa memorável porção das plagas do Cruzeiro, está escrita a legenda sublime da regeneração e da igualdade humana: - Abaixo a escravidão!

Todos os homens são filhos de Deus, são irmãos, e um irmão não pode ser escravo de outro. Essa é a verdadeira doutrina santamente pregada pelo Cristo.

Há, portanto, XIX séculos que, como iníqua, o Evangelho condenou a escravidão.

O homem que escraviza outro homem sobrepuja o assassino; é um fraticida abominável. É o que está escrito na religião do Crucificado e gravado na consciência dos homens honestos.

Prescreve-o a moral, e o direito a sanciona; apregoam-no os padres, cultores assalariados da religião do Estado; sabem-no, tanto como nós, os filantrópicos possuidores de escravos; só estes o ignoram! Se soubessem, as algemas e o látigo de há muito não estariam gravados nas páginas lúgubres da legislação deste Império.

Mas para que repetir inutilmente estas verdades edificantes, a que os surdos não atendem, porque não querem ouvi-las?

V. S. [Vossa Senhoria] e os honrados patriotas limeirenses conhecem-nas melhor do que eu: consola-me esta segurança inabalável.

Não serei eu, por certo, quem perderá o precioso tempo proclamando aos néscios de conveniência.

Para esses a virtude é a fraude; o trabalho, a depredação; a moral, o crime; a liberdade, a força; e o direito, o poder de escravizar.

Dar-se-á que o Brasil transformou-se, por encantamento, em um vasto Monte Aventino; que habitamos a primitiva Roma; e que os salteadores e os assassinos fugitivos promulgam, sem reboço, as delirantes aberrações de Draco.

Quanto a mim[,] o farol da emancipação ergueu-se há muito das partes do norte proceloso; e sob os raios desse luzeiro inapagável, ao través da densidade dos séculos, repercutem as palavras inspiradas do profeta:

- Quem tiver olhos que os abra; quem estiver em trevas que se ilumine; porque os tempos de luz e da verdade se aproximam.

Eu, porém, enquanto os sábios alquimistas meditam extáticos e preocupados sobre a descoberta maravilhosa da encantada pedra filosofal - estabelecimento de democracia e emancipação da escravatura -, à face do país inteiro, às férreas portas dos Pilatos da justiça, no seio desta moderna Jerusalém, em nome de três milhões de vítimas, à semelhança dos antigos israelitas, gravarei nas ombreiras dos parlamentos e dos tribunais subornados esta legenda terrível: - Nós temos leis!

São o tratado solene de 23 de novembro de 1826; a lei de 7 de novembro de 1831; o decreto de 12 de abril de 1832. Por efeito destas salutares e vigentes disposições são livres, desde 1831, todos os escravos que entraram nos portos do Brasil, vindos de fora. São livres! Repetiremos perante o país inteiro, enquanto a peita e a degradação impunemente ousarem afirmar o contrário.

Observem-se restritamente as normas invariáveis da justiça; mantenham-se integralmente as prescrições legais; e cumpram os magistrados o seu árduo dever, que, dentro do prazo de um ano, ficará a escravatura no Brasil reduzida a menos de um terço.

Cumprida a lei uma única providência restará: a pronta emancipação dos escravos. A emancipação pronta, e sem indenizações: ela importará a restituição generosa do que os nossos avós roubaram com usura.

O homem emergiu livre dos arcanos da natureza; prepará-lo para a liberdade é um pretexto fútil e farisaico, um crime hediondo, que nós, os solertes democratas, devemos repelir com indignação.

A nobilitação do escravo, e a proscricção do senhor - eis o fato momentoso que nos impõe a moral e a civilização.

É este o meu pensamento relativamente a este gravíssimo assunto.

O contrato será o reinado pernicioso da hipocrisia; o predomínio da mentira sob as vestes da filantropia; o entrave imposto à grandeza nacional; a noite perpétua da existência; o descalabro inevitável da democracia.

A nossa missão é progredir sempre; não tornemos atrás para meter peitos ao oneroso encargo dos erros do passado.

O brilhante programa adotado com firmeza pela Sociedade Democrática Limeirense é um mito.

A sublimidade dos mitos tem a sua existência na pureza das magnas concepções.

Há, entretanto, nesse programa dos erros enormes, dois absurdos inqualificáveis.

Vou referi-los com franqueza, sem faltar à consideração que devo a v. s. [Vossa Senhoria] e aos seus dignos colegas.

Lutadores incansáveis do presente, cidadãos ativos de um país libérrimo, que ainda não existe, mas que visamos com avidez por entre as nuvens tormentosas do futuro, mal cabem, entre nós, as reticências dúbias, e a vulpina simulação.

Digamos inteira verdade: espantemos, embora com a franqueza arrogante dos Cévolas, a covardia dos bifrontados Sejanos: nós americanos não nascemos para idolatrar Tibérios.

É nossa missão iluminar o velho mundo; nossa almenara é a liberdade.

O primeiro erro que venho de notar é a democracia constitucional. Este asserto importa o bárbaro encarceramento da razão. Eliminaí do vosso lábaro sagrado esse adjetivo que o nódoa.

A democracia é a liberdade objetivada, e tornada lei social; a liberdade é um ditame eterno e imutável promulgado por Deus. Limitá-la é uma heresia audaz e perigosa.

Semelhante limitação é uma arrojada rebeldia; e as rebeldias desta ordem produzem os Lusbeis.

Não é dado ao homem restringir os decretos supremos da Divindade.

A democracia é o misterioso verbo da encarnação social; é a alma coletiva da humanidade: fora temerária insânia o pretender comprimi-la nas páginas humildes de uma constituição. Ela encerra a palavra soberana do Criador: a sua idade é o eterno; tem por limites o infinito.

O segundo erro é a emancipação gradual dos escravos, dentro do extraordinário prazo de trinta e dois anos!

A prolongação lenta de uma agonia pungente; o sarcasmo do carrasco injuriando a santidade do martírio; o escárnio imundo estampado no topo do Calvário; Judas cantando sobranceiro, sobre o Gólgota, o poema devasso da venalidade, e ouvindo prazenteiro os ecos do Olivete repetirem-lhe os cânticos!

Trinta e dois anos ainda de torturas, de usurpações e de misérias?!

Por Deus, democratas limeirenses, que as cabeças e as riquezas de todos os senhores não valem, na balança fatal dos sacrifícios, os gemidos de um só escravo, por tempo tão dilatado.

E quantos grilhões, no decurso deste longo século de escravidão, se transformarão em punhais?

Oh! Permita v. s. [Vossa Senhoria] que eu não discuta este ponto negro do programa.

Lavemos de nossa bandeira política esta pasta de lama que a deturpa. Abaixo a escravidão!

Como v. s. [Vossa Senhoria] deseja ardentemente a prosperidade do meu país.

Almejo a proscricção do cetro e do azorrague.

Quero que a grandeza da minha pátria tenha por garantia a liberdade, e que todos os brasileiros, apagadas as classes e as hierarquias, possam dizer perante a América inteira:

Acima de nós, Deus tão somente!

Eis a razão por que dirijo esta carta a v. s. [Vossa Senhoria] e saúdo com júbilo a Sociedade Democrática Limeirense.

São Paulo, 18 de fevereiro de 1869.

Seu amigo obrigadíssimo, L. GAMA